

# Hino a Afrodite e outros poemas

## Safo de Lesbos

... Para cá, até mim, de Creta ... templo  
sacro onde ... e agradável bosque  
de macieiras, e altares nele são esfumados  
com incenso.

E nele água fria murmura por entre ramos  
de macieiras, e pelas rosas todo o lugar  
está sombreado, e das trêmulas folhas  
torpor divino desce.

E nele o prado pasto de cavalos viceja  
... com flores, e os ventos  
docemente sopram ...

Aqui tu ... pegando, ó Cípris,  
nos áureos cálices, delicadamente,  
néctar, misturado às festividades,  
vinho-vertendo ...

ORG. E TRADUÇÃO  
GIULIANA RAGUSA

2a edição, 2021

HEDRA.COM.BR

978-65-89705-05-5



hedra

FRAGMENTO 55

καθάνοισα δὲ κείσῃ οὐδέ ποτα μναμοσύνα σέθεν  
ἔσσειτ' οὐδὲ †ποκ'† ὕστερον οὐ γὰρ πεδέχῃς βρόδων  
τῶν ἐκ Πιερίας, ἀλλ' ἀφάνῃς κὰν Ἄϊδα δόμῳ  
φοιτάσῃς πεδ' ἀμαύρων νεκῶν ἐκπεποταμένα.

Morta jazerás, nem memória alguma futura  
de ti haverá, nem desejo, pois não partilhas das rosas  
de Piéria; mas invisível na casa de Hades  
vaguearás esvoaçada entre vagos corpos ...

**Comentário** Preservado na *Antologia* (3.4.12) de Estobeu (século v d.C.), o fragmento traz um dos muitos momentos em que os poetas refletem em seus versos sobre o poetar e a própria poesia, que vai se configurar no imaginário grego como caminho para a imortalidade do nome.<sup>10</sup> A linguagem é de ataque, de invectiva, e dirigida a um *tu* feminino que pensa ser (hábil) poeta, mas não o é. Por isso, sua dupla morte ao descer ao mundo, reino de Hades, tornando-se não mais alcançável sua figura aos olhos dos vivos, e apagada sua existência da memória destes.

10. Explorei o tema na poesia arcaica (Ragusa, 2018, pp. 143–152).

Dores de amor

« ΠΗΑΪΝΕΤΑΪ ΜΟΙ... » (FR. 31)

Φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν  
ἔμμεν' ἄνηρ, ὅττις ἐναντίος τοι  
ἰσδάνει καὶ πλάσιον ἄδν φωνεί-  
σας ὑπακούει

καὶ γελαίσας ἰμέροεν, τό μ' ἦ μὰν  
καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν  
ὡς γὰρ <ἔς> σ' ἴδω βρόχε' ὡς με φώναι-  
σ' οὐδὲν ἔτ' εἶκει,

ἀλλὰ †καμ† μὲν γλῶσσα †ἔαγε†, λέπτον  
δ' αὐτίκα χρώι πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,  
ὀππάτεσσι δ' οὐδὲν ὄρημμ', ἐπιβρόμ-  
μεισι δ' ἄκουαι,

†έκαδε† μ' ἴδρωσ ψῦχος κακχέεται, τρόμος δὲ  
παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας  
ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω' πιδεύης  
φαίνομ' ἔμ' αὐτίαι.

ἀλλὰ πὰν τόλματον, ἐπεὶ †καὶ πένητα†

Parece-me ser par dos deuses ele,  
o homem, que oposto a ti  
senta e de perto tua doce  
fala escuta,

e tua risada atraente. Isso, certo,  
no peito atordoa meu coração;  
pois quando te vejo por um instante, então  
falar não posso mais,

mas se quebra minha língua, e ligeiro  
fogo de pronto corre sob minha pele,  
e nada veem meus olhos, e  
zumbem meus ouvidos,

e água escorre de mim, e um tremor  
de todo me toma, e mais verde que a relva  
estou, e bem perto de estar morta  
pareço eu mesma.

Mas tudo é suportável, se mesmo um pobre homem ...

**Comentário** O Fr. 31 ou *Pháinetaí moi*, “Parece-me...”, tem por fonte principal o famoso tratado *Do sublime*.<sup>1</sup> Ao explicar as maneiras de um texto alcançar a grandeza, seu autor de incerta identidade menciona os “pensamentos elevados”;<sup>2</sup> no quadro destes, cita o fragmento de Safo, em que louva a “escolha dos motivos” e a “concentração dos motivos escolhidos”. “Por exemplo Safo: as afecções consecutivas ao delírio amoroso, a cada vez, ela as apreende como elas se apresentam sucessivamente e na sua própria verdade. Mas onde mostra ela sua força? Quando ela é capaz, a uma vez, de escolher e de ligar o que há de mais agudo e de mais intenso nessas afecções”. A citação é sucedida por palavras que equiparam Safo a Homero, “o Poeta”:

1. 10.1-3, século I d.C., Longino.

2. Cito as traduções do volume Hirata, F. (trad., introdução, notas). *Longino. Do Sublime*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Não admiras como, no mesmo momento, ela procura a alma, o corpo, o ouvido, a língua, a visão, a pele, como se tudo isso não lhe pertencesse e fugisse dela; e, sob efeitos opostos, ao mesmo tempo ela tem frio e calor, ela delira e raciocina (e ela está, de fato, seja aterrorizada, seja quase morta)? Se bem que não é uma paixão que se mostra nela, mas um curso de paixões! Todo esse gênero de acontecimentos cerca os amantes, mas, como eu disse, a maneira de agrupá-los, para relacioná-los num mesmo lugar, realiza a obra de arte. Da mesma maneira, a meu ver, para as tempestades o Poeta escolhe as mais terríveis das consequências.

A cena retratada eroticamente produz uma triangulação na qual o olhar do *eu* feminino contempla primeiramente um homem que se porta como audiência de um *tu* feminino, para depois concentrar-se na contemplação dessa personagem, que provoca sua excitação – na imagem recorrente do peito que se agita ou, literalmente, voa, como se vê no Fr. 22 – e crescente dominação erótica, ou seja, fragmentação do corpo e da mente que leva à morte. Há um notável eco metalinguístico no fragmento, em que a perda da voz, central na patologia erótica, é crucial para poetas de tradição oral como Safo, que não existe sem ela, e para a representação dramática da resposta à cena, que só se realiza a partir justamente dessa perda. Temos o início do fragmento, mas não estamos seguros de seu fim. Seu texto foi reelaborado por Catulo (século I a.C.) no *Poema 51*,<sup>3</sup> praticamente uma tradução da canção sáfica. Nos versos do Fr. 31, impressiona com que habilidade Safo cria uma dimensão de intimidade; neles, como noutros, a poeta revela-se “a maior mestra em pseudointimidade”.<sup>4</sup>

3. Cito-o, em tradução de Oliva (1996): *Ele parece-me ser par de um deus,/ Ele, se é fás dizer, supera os deuses./ Esse que todo atento o tempo todo/ Contempla e ouve-te/ doce rir, o que pobre de mim todo/ sentido rouba-me, pois uma vez/ que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou/ De voz na boca/ Mas torpece-me a língua e leve os membros / Uma chama percorre e de seu som/ Os ouvidos tintinam, gêmea noite/ cega-me os olhos./ O ócio, Catulo, te faz tanto mal./ No ócio tu exultas, tu vibras demais./ Ócio já reis e já ricas cidades/ Antes perdeu.*

4. Scodel, 1996, p. 77.